

Universidade do Grande ABC - Letras  
Especialização em Literatura  
Literatura Brasileira



Clio (História), Calliope (Lírica), Melpomene (Tragédia) e Tália (comédia)

Prof. Me. Flavio Botton

# Índice

<b>TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL .....</b>	<b>3</b>
<b>O PELOTE DOMINGUEIRO .....</b>	<b>3</b>
<b>A SANTA INÊS.....</b>	<b>4</b>
<b>DA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA .....</b>	<b>4</b>
<b>GREGÓRIO DE MATTOS E GUERRA .....</b>	<b>4</b>
<b>MARÍLIA DE DIRCEU .....</b>	<b>6</b>
<b>PETRARCA .....</b>	<b>8</b>
<b>CAMÕES.....</b>	<b>8</b>

## Tratados da Terra e Gente do Brasil - Fernão Cardim

Véspera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldeia mais principal, foi o padre visitante fazer-lhe a festa. Os índios também lhe fizeram a sua: porque duas léguas da aldeia em um rio muito largo e formoso (por ser o caminho por água) vieram alguns índios *morubixaba, scilicet* principais, com muitos outros em vinte canoas bem equipadas, e algumas pintadas, enramadas e embandeiradas, com seus tambores, pífaros e frutas, providos de mui formosos arcos e frechas mui galantes; e faziam a modo de guerra naval muitas ciladas em o rio, arrebrandando poucos e poucos com grande grita, e prepassando pela canoa do padre lhe davam o *Ereiupe*, fingindo que o cercavam e o cativavam. Neste tempo um menino, prepassando em uma canoa pelo padre visitador, lhe disse em sua língua: *Pay, marápe guariníme nanda popeçoari?*, *scilicet*, em tempo de guerra e cerco como estás desarmado? e meteu-lhe um arco e frechas na mão. O padre assim armado, e eles dando seus alaridos e urros, tocando seus tambores, frutas e pífaros, levaram o padre até a aldeia, com algumas danças que tinham prestes. (...) Acabada a missa houve procissão solene pela aldeia, com danças dos índios a seu modo e à portuguesa; e alguns mancebos honrados também festejaram o dia dançando na procissão, e representaram um breve diálogo e devoto sobre cada palavra da Ave-Maria, e esta obra dizem compôs o padre Álvaro Lobo e até ao Brasil chegaram suas obras e caridades. (...) Chegamos à aldeia à tarde; antes dela, um bom quarto de légua, começaram as festas que os índios tinham aparelhadas, as quais fizeram em uma rua de altíssimos e frescos arvoredos, dos quais saíam uns cantando e tangendo a seu modo, outros em ciladas saíam com grande grita e urros, que nos atroavam e faziam estremecer. Os *cunumis, scilicet* meninos, com muitos molhos de frechas levantadas para cima, faziam o seu motim de guerra e davam a sua grita, e pintados de várias cores, nuzinhos, vinham com as mãos levantadas receber a bênção do padre, dizendo em português, "louvado seja Cristo". Outros saíram com uma dança d'escudos à portuguesa, fazendo muitos trocados e dançando ao som da viola, pandeiro e tamborim e fruta, e juntamente representavam um breve diálogo, cantando algumas cantigas pastoris. Tudo causava devoção debaixo de tais bosques, em terras estranhas, e muito mais por não se esperarem tais festas de gente tão bárbara. Nem faltou um *Anhangá, scilicet* diabo, que saiu do mato: este era o índio Ambrósio Pires, que a Lisboa foi com o padre Rodrigo de Freitas. A esta figura fazem os índios muita festa por causa de sua formosura, gatimanhos e trejeitos que faz: em todas as suas festas metem algum diabo, para ser deles bem celebrada. [...]

### O pelote domingueiro

José de Anchieta

Já furtaram o moleiro  
o pelote domingueiro.

Se lho furtaram ou não,  
bem nos pesa a nós com isso!  
Perdeu-se, com muito viço,  
o pobre moleiro Adão.  
Lucifer, um mau ladrão,  
lhe roubou todo o dinheiro,  
com o pelote domingueiro!

Sem ter dele compaixão,  
lhe furtaram o pelote.  
Des que o viram sem capote,  
não curaram dele, não.  
Chora agora, com razão,  
o coitado do moleiro,  
sem pelote domingueiro!

Ele, deram-lho, de graça,  
porque "Graça" se chamava  
e com ele passeava,  
mui galante, pela praça.  
Mas furtaram-lhe, à ramaça,  
ao pobre do moleiro,  
o pelote domingueiro.

Era homem muito honrado,  
quando logo lho vestiram,  
Mas depois que lho despiram,  
ficou vil e desprezado.  
Ó que seda! E que brocado  
perdeste, pobre moleiro,

em perder teu domingueiro!

Se quiseras moer trigo  
do divino mandamento,  
dentro ao teu entendimento  
não passaras tal perigo.  
Pois quiseste ser amigo  
de ladrão tão sorateiro,  
andarás sem domingueiro.  
(...) A mulher que lhe foi dada,  
cuidando furtar maquiás,  
com debates e porfias  
foi da graça maquiada.  
Ela nua e esbulhada,  
fez furtar ao moleiro  
o seu rico domingueiro.

Toda bêbada do vinho  
da soberba, que tomou,  
o moleiro derrubou  
no limiar do moinho.  
Acudiu o seu vizinho  
Satanás, muito matreiro,  
e rapou-lhe o domingueiro.  
(...) O pelote foi lhe dado  
para o domingo somente,  
com que vivesse contente,  
sem fadiga e sem cuidado.  
Agora, mui trabalhado,  
geme o triste do moleiro  
sem pelote domingueiro.

Com o pelote faltar,  
cessarão todas as festas.  
Foi contado com as bestas,  
para sempre trabalhar.

Se isto bem quisera olhar,  
o coitado do moleiro  
não perdera o domingueiro.  
(...) Já tornaram ao moleiro  
o pelote domingueiro.

O diabo lhe furtou  
o pelote por enganoso.  
Mas, depois de muitos anos,  
um seu neto lho tornou.  
Por isso, carne tomou  
de uma filha do moleiro,  
por pelote domingueiro.

Por querer ser mais subido,  
não fez conta do pelote.  
O seu neto, sem capote,  
jaz nas palhas, encolhido,  
para ser restituído  
ao pobre do moleiro  
seu pelote domingueiro.  
(...) De graça lhe foi tornado,  
mas custou muito dinheiro  
ao neto, que foi terceiro,  
para ser desempenhado.  
Foi mui caro resgatado  
(ditoso de ti, moleiro!)  
teu pelote domingueiro.

Trinta e três anos andou,  
sem temer nenhum perigo,  
moendo-se como trigo,  
até que o desempenhou.  
Com seu sangue, resgatou  
para o pobre do moleiro,  
o pelote domingueiro.

## **A Santa Inês**

José de Anchieta

Cordeirinha linda,  
Como folga o povo,  
Porque vossa vinda  
Lhe dá lume novo!

Cordeirinha santa,  
de Iesu querida,  
vossa santa vinda,  
o diabo espanta.

Por isso vos canta  
com prazer, o povo,  
Porque vossa vinda  
lhe dá lume novo!

Nossa culpa escura  
Fugirá depressa  
pois vossa cabeça  
vem com luz tão pura

Vossa formosura  
honra é do povo,

porque vossa vinda  
lhe dá lume novo!

Virginal cabeça  
Po-la fé cortada,  
Com vossa chegada  
Já ninguém pereça.

Vinde mui depressa  
ajudar o povo,  
pois com vossa vinda  
lhe dais lume novo!

Vós sois, cordeirinha  
de Iesu formoso  
mas o vosso esposo  
já vos fez rainha  
(...)

## **Da Conceição de Nossa Senhora**

José de Anchieta

Ave Maria mais linda  
Que os anjos,  
Hoje foste concebida  
No ventre de Santa Ana.  
(...)  
Minha alma anseia  
Pelas belezas de tua alma.  
Odiarei o pecado.  
A imitação da tua virtude  
Faz fugir dele.  
(...)  
É linda, em verdade, a lua,  
Com seu grande rosto.  
A ti, porém, o senhor Jesus  
Fez mais bela que a ela.  
Tu foste feita a mais bela.  
(...)  
O sol, em verdade, brilha,  
Depois que a noite escura passa.  
Tu, porém, brilhas mais que ele,  
Com tua virtude.

## **Gregório de Mattos e Guerra**

*“Eu sou aquele, que passados os anos  
Cantei na minha lira maldizente  
Torpezas do Brasil, vícios e enganos.”*

## **RETRATO DO MESMO CLERIGO**

Pois me enfada o teu feitio,  
quero, Frisão, neste dia  
retratar-te em quatro versos  
as maravi, maravi, maravilhas.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão, da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

A cara é um fardo de arroz,  
que por larga, e por comprida  
é ração de um Elefante  
vindo da Índia.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas

A boca desempenada  
é a ponte de Coimbra,  
onde não entram, nem saem,  
mais que mentiras.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

Não é a língua de vaca  
por maldizente, e maldita,  
mas pelo muito, que corta  
de Tiriricas.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

No corpanzil torreão  
a natureza prevista  
formou a fresta da boca  
para guarita.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

Quisera as mãos comparar-lhe  
às do Gigante Golias,  
se as do Gigante não foram  
tão pequeninas.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas

Os ossos de cada pé  
encher podem de relíquias  
para toda a cristandade  
as sacristias.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

É grande conimbricense,  
sem jamais pôr pé em Coimbra,  
e sendo ignorante sabe  
mais que galinha.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

#### **DESTA VEZ ACABO A OBRA**

(...) Como na lei de Mafoma  
não se argumenta, e se briga  
ele, que não argumenta,  
tudo porfia.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

A vós, merda dos fidalgos,  
a vós, escória dos Godos,  
Filho do Espírito Santo,  
E bisneto de um caboclo:  
A vós, fancho beato,  
Sodomita com bioco,  
e finíssimo rabi  
sem nascerdes cristão-novo (...)

#### **AOS PRINCIPAIS DA BAHIA CHAMADOS OS CARAMURUS**

Há cousa como ver um Paiaiaí  
Mui prezado de ser Caramuru,  
Descendente de sangue de Tatu,  
Cujo torpe idioma é cobé pá.  
A linha feminina é carimá  
Moqueca, pititinga caruru  
Mingau de puba, e vinho de caju  
Pisado num pilão de Piraguá. (...)

#### **ESCANDALIZADO O POETA**

Um Branco muito encolhido,  
um Mulato muito ousado,  
um Branco todo coitado,  
um canaz todo atrevido:  
o saber muito abatido,  
a ignorância, e ignorante  
mui ufano, e mui farfante  
sem pena, ou contradição:  
milagres do Brasil são.

Que um Cão revestido em Padre  
por culpa da Santa Sé  
seja tão ousado, que  
contra um Branco ousado ladre:  
e que esta ousadia quadre  
ao Bispo, ao Governador,  
ao Cortesão, ao Senhor,  
tendo naus no Maranhão:  
milagres do Brasil são.

Se a este podengo asneiro  
o Pai o alvanece já,  
a Mãe lhe lembre, que está  
roendo em um tamoeiro:  
que importa um branco cueiro,  
se o cu é tão denegrado!  
mas se no misto sentido  
se lhe esconde a negridão:  
milagres do Brasil são.

#### **A MANUEL ROIZ DE FIGUEYREDO**

(...)Vós graduado a borrões  
em uma universidade  
que fundou nesta cidade  
o braço dos asneirões:  
fazeis tais alegações  
nas lides, causas, e pleitos,  
que vos dão alguns sujeitos,  
que afirmaram letrados velhos  
fedem os vossos conselhos  
tanto, como vossos feitos. (...)

#### **FOI DAS ONZE MIL DONZELAS**

(...) Não presumam, porque têm,  
que são mais que os pobres nobres,  
pois há muitos homens pobres,  
mui bem nascidos também:  
ao pequeno não convém  
por pequeno desprezar,  
que se este quiser falar,  
achar pode algum defeito  
que nenhum há tão perfeito,  
em quem se não pode achar. (...)

#### **DESCREVE COM MAIS INDIVIDUAÇÃO A FIDÚCIA, COM QUE OS ESTRANHOS SOBEM A ARRUINAR SUA REPÚBLICA.**

(...)Ontem simples Sacerdote,  
hoje uma grã dignidade,  
ontem selvagem notório,  
hoje encoberto ignorante.  
Ao tal Beato fingido  
é força, que o povo aclame,  
e os do governo se obriguem,  
pois edifica a cidade. (...)

## TRISTE BAHIA

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado,

Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fôra de algodão o teu capote!

## ENFURECIDO O POETA DAQUELLES CIUMES DESCOMPOSTOS LHE FAZ ESTA HORRENDA ANATOMIA.

Vá de aparelho,  
vá de painel,  
venha um pincel  
retratarei a Chica  
e seu besbelho.  
(...)

A negra testa  
de cuiambuca  
a põe tão cuca,  
que testa nasce, e em cuia  
desembesta.

Os dous olhinhos  
com ser pequenos  
são dois venenos,  
não do mesmo tamanho  
maiorzinhos.

Nariz de preta  
de cocras posto,  
que pelo rosto  
anda sempre buscando  
onde se meta.

Boca sacada  
com tal largura,  
que a dentadura  
passeia por ali  
desencalmada.

Barbinha aguda  
como sovelá,  
não temo a ela,  
mas hei medo à barba:  
Deus me acuda.

Pescoço longo,  
socó com saia,  
a quem dão vaia  
negros, com quem se farta  
de mondongo.

Tenho chegado  
ao meu feitio  
do corpo esguio,  
chato de embigo,  
erguido a cada lado.  
(...)

Junto as cavernas  
tem as perninhas  
tão delgadinhas,  
não sei, como se tem  
naquelas pernas.

Cada pé junto  
forma a peanha,  
onde se amanha  
a estátua do pernil,  
e do presunto.  
(...)

Putá canalha,  
torpe, e mal feita,  
a quem se ajeita  
uma estátua de trapo  
cheia de palha.  
(...)

Um vaso atroz,  
cuja portada  
é debruada  
com releixos na boca,  
como noz.

Horrível odre,  
que pelo cabo  
toma de rabo  
andar são, e feder  
a cousa podre.

Modos gatunos  
tem sempre francos,  
arranha os Brancos,  
e afaga os membros só  
dos Tapanhunos.

Tenho acabada  
a obra, agora  
rasguem-na embora,  
que eu não quero ver Chica  
nem pintada.

## Marília de Dirceu

Tomaz Antonio Gonzaga

### PARTE I

#### Lira I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado;  
De tosco trato, d' expressões grosseiro,  
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.  
Tenho próprio casal, e nele assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
E mais as finas lãs, de que me visto.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,  
Dos anos inda não está cortado:  
Os pastores, que habitam este monte,

Com tal destreza toco a sanfoninha,  
Que inveja até me tem o próprio Alceste:  
Ao som dela concerto a voz celeste;  
Nem canto letra, que não seja minha,  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,  
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,  
Depois que teu afeto me segura,  
Que queres do que tenho ser senhora.  
É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho, que cubra monte, e prado;  
Porém, gentil Pastora, o teu agrado  
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um trono.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,  
A quem a luz do Sol em vão se atreve:  
Papoula, ou rosa delicada, e fina,  
Te cobre as faces, que são cor de neve.  
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;  
Teu lindo corpo bálsamos vapora.  
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,  
Para glória de Amor igual tesouro.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Leve-me a sementeira muito embora  
O rio sobre os campos levantado:  
Acabe, acabe a peste matadora,  
Sem deixar uma rês, o nédio gado.  
Já destes bens, Marília, não preciso:  
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;  
Para viver feliz, Marília, basta  
Que os olhos movas, e me dê um riso.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,  
Sustentada, Marília, no meu braço;  
Ali descansarei a quente sesta,  
Dormindo um leve sono em teu regaço:  
Enquanto a luta jogam os Pastores,  
E emparelhados correm nas campinas,  
Toucarei teus cabelos de boninas,  
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Depois de nos ferir a mão da morte,  
Ou seja neste monte, ou noutra serra,  
Nossos corpos terão, terão a sorte  
De consumir os dois a mesma terra.  
Na campa, rodeada de ciprestes,  
Lerão estas palavras os Pastores:  
“Quem quiser ser feliz nos seus amores,  
Siga os exemplos, que nos deram estes.”

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

## Lira II

Pintam, Marília, os Poetas  
A um menino vendado,  
Com uma aljava de setas,  
Arco empunhado na mão;  
Ligeiras asas nos ombros,  
O tenro corpo despido,  
E de Amor, ou de Cupido  
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,  
Que assim seja Amor; pois ele  
Nem é moço, nem é cego,  
Nem setas, nem asas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe  
Um retrato mais perfeito,  
Que ele já feriu meu peito;  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabelos,  
Que sobre as costas ondeiam,  
São que os de Apolo mais belos;  
Mas de loura cor não são.  
Têm a cor da negra noite;  
E com o branco do rosto  
Fazem, Marília, um composto  
Da mais formosa união.

Tem redonda, e lisa testa,  
Arqueadas sobranceiras;  
A voz meiga, a vista honesta,  
E seus olhos são uns sóis.  
Aqui vence Amor ao Céu,  
Que no dia luminoso  
O Céu tem um Sol formoso,  
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,  
Marília, estão misturadas  
Purpúreas folhas de rosa,  
Branças folhas de jasmim.  
Dos rubins mais preciosos  
Os seus beijos são formados;  
Os seus dentes delicados  
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito  
Dei logo um suspiro, e ele  
Conheceu haver-me feito  
Estrago no coração.  
Punha em mim os olhos, quando  
Entendia eu não olhava:  
Vendo o que via, baixava  
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso:  
Ele, ouvindo os seus louvores,  
Com um gesto desdenhoso  
Se sorriu, e não falou.  
Pintei-lhe outra vez o estado,  
Em que estava esta alma posta;  
Não me deu também resposta,  
Constrangeu-se, e suspirou.

Conheço os sinais, e logo  
Animado de esperança,  
Busco dar um desafogo  
Ao cansado coração.  
Pego em teus dedos nevados,  
E querendo dar-lhe um beijo,  
Cobriu-se todo de pejo,  
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo  
De Amor o lindo retrato,  
Contigo estarás dizendo,  
Que é este o retrato teu.  
Sim, Marília, a cópia é tua,  
Que Cupido é Deus suposto:  
Se há Cupido, é só teu rosto,  
Que ele foi quem me venceu.

## **Petrarca**

Dureza doce, e plácida repulsa,  
plenas de casto amor e de piedade  
desdém gracioso, que minha ansiedade  
aplaca – muito embora ardente e insulsa;

fala gentil em que luz clara pulsa,  
Ó suma cortesia e honestidade!  
flor de virtude, fonte de beldade  
e que o baixo pensar de mim expulsa.

E capaz de apartar a nossa mente  
daquilo que se veda justamente  
o seu olhar que torna o homem feliz.

Vem ora confortar a minha vida:  
neste belo variar está a raiz  
de minha salvação quase perdida.

## **Camões**

Um mover de olhos, brando e piedoso,  
Sem ver de quê; um riso brando e honesto,  
Quase forçado; um doce e humilde gesto,  
De qualquer alegria duvidoso;

Um despejo quieto e vergonhoso;  
Um repouso gravíssimo e modesto;  
Ûa pura bondade, manifesto  
Indício da alma, limpo e gracioso;

Um escolhido ousar; uma brandura;  
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;  
Um longo e obediente sofrimento:

Esta foi a celeste fermosura  
Da minha Circe, e o mágico veneno  
Que pôde transformar meu pensamento.